

**M. COSTA MANSO**

**SÃO PAULO  
E  
A REVOLUÇÃO  
(1932)**

SÃO PAULO – 1977

**M. COSTA MANSO**

**SÃO PAULO  
E  
A REVOLUÇÃO  
(1932)**

São Paulo, Julho, 1977  
Desembargador Celso de Costa Manso

SÃO PAULO – 1977

EDITORA DE REVISTA DE HISTÓRIA E DOCUMENTOS  
A. B. MANTOVANI SÓCIO ADMINISTRADOR RESPONSÁVEL  
Rua Cândido de Sá, nº 11 - Tel. 84-1234

- 1.<sup>a</sup> Tiragem : Julho 1977  
2.<sup>a</sup> Tiragem : Agosto 1977  
3.<sup>a</sup> Tiragem : Julho 1978

Composto e impresso em 1977, ano do  
cinquentenário das atividades da  
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.  
Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX)  
01512 — São Paulo, S.P., Brasil

**H**á quarenta e cinco anos São Paulo se erguia, com todas as forças de seu povo e de suas elites, contra a ditadura que protelava a restauração do Estado de Direito e, para melhor firmar-se, reduzia a nada os princípios federativos, desmantelando, notadamente, de modo sistemático, os valores paulistas.

O Ministro MANOEL DA COSTA MANSO, então Presidente do Tribunal de Justiça, colocou, de imediato, o prestígio de seu alto cargo e de sua vigorosa personalidade em favor da causa bandeirante.

Noutro momento procurei dizer, em maior extensão, das atitudes cívicas de COSTA MANSO. Pareceu-me, entretanto, oportuno lembrar, pelo menos, no ensejo do 45.<sup>o</sup> aniversário da guerra de São Paulo, o discurso que ele proferiu para todo o Brasil, através do rádio, aos 31 de Agosto de 1932.

Encontram-se nesse trabalho, a meu ver, a mais completa síntese do gigantesco esforço do Movimento Constitucionalista, bem como irresponsável defesa de seu verdadeiro caráter.

O respectivo texto foi impresso no dia seguinte ao do discurso, como se vê de início, na segunda linha. A edição que ora se faz reproduz as correções de próprio punho de COSTA MANSO em revisão da época, o que infunde maior realce ao cunho histórico do documento. Foi isto possível graças à inestimável cooperação da Revista dos Tribunais.

Como antigo combatente voluntário do 2.<sup>o</sup> grupo, 3.<sup>o</sup> pelotão, 3.<sup>a</sup> Companhia, do Primeiro Batalhão da Milícia Civil, sob as ordens do lendário Comandante Romão Gomes, rendo preito, neste passo, à memória de meu Pai e aos imorredouros ideais que inspiraram os heróis de 32.

São Paulo, Julho, 1977  
Desembargador Odilon da Costa Manso



A 13 de Julho, quatro dias depois da irrupção do movimento, diversos cidadãos, inteiramente estranhos aos partidos paulistas, affirmaram ao paiz, em solenne manifesto, largamente divulgado, que "São Paulo não pegou em armas para combater os seus queridos irmãos dos outros Estados, nem para praticar a loucura de separar-se do Brasil, mas unicamente para apressar a volta do paiz ao regimen constitucional. Não foram os partidos politicos", accrescenta o manifesto, "que deflagraram o movimento armado: foi o povo inteiro, sem distincção de classes ou partido, a gente de São Paulo e a gente que, vinda de outras terras, se acha presa a São Paulo por vinculos de toda ordem, em unanimidade que jamais se viu, talvez, em parte alguma do Brasil". A primeira assignatura exarada no importante documento é a do arcebispo de São Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva, uma das maiores figuras da Igreja catholica. Assigna igualmente, o dr. José Maria Whitaker, ex-ministro da Fazenda, cuja integridade moral a dictadura conhece bem de perto. Seguem-se as firmas de illustres cathedrauticos das nossas escolas superiores, de jornalistas, industriaes, commerciantes e advogados, e a do presidente do Tribunal de Justiça. Impossivel admittir que todos esses homens estivessem a servir ingenuamente os appetites dos politicos... Mas, di-se-á, os signatarios do manifesto, quasi todos paulistas natos, poderiam interpretar erroneamente o phenomeno occorrido na sua terra...

Outras vozes, porém, absolutamente insuspeitas, tambem se fizeram ouvir. O bispo de Bragança, alagoano, o bispo de Ribeirão Preto, paranaense, o bispo de Cafelandia, bahiano, os bispos de Santos e de Rio Preto, mineiros, os juizes federaes Washington de Oliveira, fluminense, e Bruno Barbosa, cearense, o venerando Antonio Mercado, riograndense do sul, o inspector Pessoa, da Alfandega de Santos, parahybano e irmão de João Pessoa, o expresidente de Parahyba, Alvaro de Carvalho, e outros cidadãos eminentes, cujos nomes não me é possivel encontrar de prompto nesta rapida colheita de elementos de convicção, dirigiram-se aos habitantes dos Estados onde nasceram, abonando a santidade da nossa causa.

Não bastam testemunhos individuaes? Invoquemos, então, os collectivos. A 13 de Julho, quatro dias depois do inicio da revolução, celebrava a colonia mineira uma grande assembléa, deliberando prestar integral apoio á campanha constitucionalista. No mesmo dia, a caravana academica do Paraná publicava um manifesto, adherindo á revolução, e os seus membros se alistavam nos batalhões de voluntarios. Ainda nessa mesma data, os pernambucanos, reunidos, declaravam-se "irmanados moral e materialmente com os nobres e bravos paulistas, na indomavel guerra á dictadura". A 14, era publicada a adhesão collectiva dos cearenses. A 16, tornou-se conhecida a dos bahianos. Tambem os fluminenses elevaram a voz em prò dos seus irmãos e vizinhos de São Paulo.

Querem nomes de pessoas que antes não vivessem em S. Paulo? Ahi estão os de Neves da Fontoura, o eloquente tribuno gauchó, do general Pereira de Vasconcellos, de Pinheiro Chagas.

Um movimento separatista poderia ter provocado esse admiravel e signitivo apoio, individual e collectivo, de illustres filhos de outros Estados, habitantes ou não de São Paulo? Um movimento separatista poderia ter encontrado, para seus chefes militares, os Isidoro e os Klinger, os Euclides e os Tabora, os Palimercio, os Sampaio, os Paes de Andrade, e tantas outras figuras brilhantes do glorioso exercito nacional, que não são paulistas, nem se acham ligados a S. Paulo por vinculos de familia ou de domicilio? Um movimento separatista poderia ter provocado os levantes de Minas e do Rio Grande do Sul, assim como as expressivas manifestações da valente população carioca? Um movimento separatista poderia proporcionar-nos a preciosa e indispensavel alliança do nobre e grande povo matogrossense, como nós descendente dos bandeirantes?

Vejam agora se foram os politicos que fizeram a revolução. A 11 de Julho, reuniam-se na Associação Commercial as classes conservadoras de São Paulo e deliberavam unanimemente prestar decidido apoio ao movimento.

Assignaram o manifesto, que então se redigiu, associações representativas do commercio, da industria e da lavoura: Associação Commercial de São Paulo, Federaçãõ

(1) Mais tarde, foi creada a "Brigada mineira", constituida de filhos de Minas - Geraes.

(1)

ifica

lc

16/6/13

1E

13

da /  
+ /

das Industrias do Estado de São Paulo, Sociedade Rural Brasileira, Associação Commercial dos Varejistas, Centro dos Commerciantes Atacadistas, Camara do Commercio Importador, Bolsa de Mercadorias, Centro do Commercio de São Paulo, Liga da Defesa do Commercio e da Industria, Centro do Commercio e Industrias de Madeiras, Syndicatõ Patronal das Industrias Textis, Liga do Commercio e Industria de Louças e Ferragens, Convenio das Companhias de Armazens Geraes, Associação dos Proprietarios de Pharmacia, União dos Proprietarios de Hoteis, Bars e Restaurantes. Adheriram depois diversas associações de classe, como a Associação dos Bancarios de S. Paulo, a União dos Officiaes Barbeiros e Cabelleireiros, a Associação dos Proprietarios de Salões de Barbeiro, o Centro dos Motoristas, o Syndicato de Enfermeiros de S. Paulo, a Associação dos Industriaes Metallurgicos, o Syndicato Patronal das Industrias de Malharia, o Syndicato Chimico de S. Paulo, a Sociedade União dos Vaqueiros, a Federação das Associações de Lavradores de S. Paulo, e todas as Associações Commerciaes do Interior. A Associação do Commercio Importador solicitou dos commerciantes em geral que facilitassem a incorporação dos seus empregados ás tropas constitucionallistas, reservando os logares e garantindo, no todo ou em parte, os vencimentos. A adhesão a esse alvitre foi geral, e innumeradas senhoras e senhoritas puzeram-se immediatamente á disposição dos bancos, escriptorios e estabelecimentos commerciaes e industriaes, para substituir os empregados que partissem.

Passemos ás instituições de caracter intellectual, moral ou espirital. A 11 de Julho, a Associação Paulista de Medicina abria a inscripção dos associados que quizessem offerecer os seus serviços ao Governo. A 13, era publicado o manifesto das entidades e clubs esportivos de S. Paulo.

“E’ preciso”, diziam os esportistas, “que o esporte demonstre, nesta hora maxima, que elle não só robustece o corpo, mas tambem dá tempera ás almas”. Dias depois, a cidade contemplava, cheia de entusiasmo, o desfile do 1.º batalhão esportivo, que partia para a frente, e ovacionava, como nos memoraveis prelios dos movimentados campeonatos, as mais queridas figuras do esporte paulista. Ha

2.000 esportistas alistados e a sua bravura nos combates demonstrou, de facto, a robustez dos seus musculos e a firmeza das suas almas.

O Instituto dos Advogados, no mesmo dia, lançava aos seus associados uma vibrante proclamação. “Não ha campanha que mais interesse aos advogados” — escrevia o intemerato “batonier” — do que a campanha a que S. Paulo, com todas as suas forças vivas, se lançou com a vontade inabalavel de vencer. S. Paulo quer simplesmente a restauração da lei. S. Paulo reclama para o Brasil o regimen do direito e da disciplina. S. Paulo bate-se pela ordem juridica e pelas liberdades civicas. Os advogados têm o dever de se collocar, sem restricção alguma, ao serviço dessa causa. Quem não o fizer, trairá a classe, não cumprirá sua missão social e não será digno do diploma que recebeu”. Esta proclamação encontrou tamanho êco no Palacio da Justiça, que logo partia para a luta o 1.º batalhão da Justiça, alli organizado, e ao qual tive a honra de falar, no momento em que lhe foi entregue a bandeira alvina e negra.

A Congregação da Faculdade de Direito de S. Paulo, incorporada, disse ao governador Pedro de Toledo, pela bocca do seu egregio director, que “os professores de direito seriam indignos de si mesmos e da beca que traziam se, nesta hora decisiva para São Paulo, em que se procura fazer voltar o Brasil ao imperio da lei, não se puzesse a Faculdade de Direito ao lado do governo, que encarna, neste momento, a consciencia civica da Nação”.

A Igreja Catholica não se limitou a fornecer capellães ás unidades que partiam. O bispo de Botucatú, d. Carlos Duarte da Costa (guardem os paulistas este nome) organizou um batalhão de Caçadores Diocesanos. Os irmãos Maristas, desta capital, patrocinaram a formação do batalhão Archidiocesano, constituído por antigos alumnos do Gymnasio que dirigem. Os bispos e vigarios collocaram-se á frente da Campanha do Ouro e das commissões de producção agricola. Notabilizou-se o gesto do arcebispo-bispo de S. Carlos, d. José Marcondes Homem de Mello, que iniciou a collecta de ouro despojando-se da sua cruz peitoral. As associações religiosas abriram as suas



preciosas collecções com que todos enriquecemos os nossos arquivos/

E o povo? Oh! o povo! Quem não teve a felicidade de testemunhar as manifestações populares, nestes dias incuqueiveis, difficilmente acreditará no que mais tarde se contar. São Paulo necessitou de soldados. Immediatamente soaram os clarins, rufaram os tambores, e a gloriosa Força Publica, que a dictadura debalde tentára desmantelar, partiu, disciplinada e garbosa, para as primeiras linhas de combate, onde todos os dias se cobre de louros, enchendo os paulistas de orgulho. Ao seu lado, marchou a tropa federal da Região, que, formada por conscriptos paulistas, não podia trahir a causa de S. Paulo. Mas não bastavam as forças regulares: surgiram aos borbotões os voluntarios. Moços e velhos, crianças que fugiam das suas familias e davam nomes e edades suppostas para não serem recusados; estudantes e homens formados, patrões e empregados, ricos e pobres — todos lançaram-se aos fuzis que S. Paulo offerencia aos seus filhos. E logo, a 12 de Julho, eu assistia, com o coração paterno repleto de commoção, mas com a alma de paulista vibrante de entusiasmo, a partida do 1.º batalhão de voluntarios civis, organizado na Faculdade de Direito, que levava, entre os seus soldados rasos, dois herdeiros do meu nome. Depois, a cidade applaudiu e cobriu de flores outros batalhões, que se formavam como que por encanto... Uns, simplesmente numerados. Outros ostentando denominações gloriosas: o Piratininga, o regimento Nove de Julho, com quatro batalhões, organizados pelo Instituto do Café, sob a direcção de Luiz Americo de Freitas; o 14 de Julho, o Bento Gonçalves, o Sete de Setembro, o Floriano Peixoto, o Henrique Dias, o Felipe Camarão, da Legião Negra; o General Glycerio, o Antonio Prado, o General Osorio, o Fernão Dias, o Borba Gato, o Raposo Tavares, o Bahia, o Rio Grande do Norte, o Mato Grosso, a dos Funcionarios Publicos, o dos Estudantes do Commercio, o da Liga da Defesa Paulista e innumerous mais...

A cavallaria do Rio Pardo, fardada, equipada e montada á custa, exclusivamente, dos seus organizadores, arrancou delirantes aclamações. Um lavrador do munici-

/(1).

17

Jo Barreto La me,

Jo Maranhão,

17

(1) Registre-se aqui os diários que se occorrem e se publicam em a copia. Todos os atos da revolução: O Estado de São Paulo, o Diário Popular, A Placeta, A Gazeta, o Diário Nacional, o Diário de São Paulo, o Diário da Noite, A Folha da Manhã, a Folha da Noite, o Correio de S. Paulo.

pio de José Bonifacio, o coronel João Domingues do Amaral, fez toda a despesa para a constituição de uma unidade de guerra, a que se deu o nome do patriarcha da Independencia.

Para substituir cada homem que depois cahiu, surgiram legiões de patriotas. Um accidente nos roubou o commandante da Força Publica. Immediatamente appareceu o batalhão "Commandante Salgado". Morreu Fernão Salles: o exercito constitucionalista, dias depois, inscrevia nas suas hostes o batalhão Fernão Salles. Piracicaba perdeu um dos seus filhos, — Ennes da Silveira Mello. Findo o enterro do bravo soldado, 55 moços daquela cidade alistavam-se para preencher a vaga por elle deixada!

São Paulo teve necessidade de dinheiro. Choveram as offeras. Um cidadão doou ao Estado a metade da sua fortuna, outorgando procuração em causa propria ao governador, para effectivar a doação. Os bancos, sem detença, puzeram á disposição do Thesouro as reservas accumuladas no Banco do Brasil, e com esse lastro emittiram-se os "Bonus Pró-Constituição". Ninguem os recusou. Ao contrario: foram disputados. Casas commerciaes offerem abatimentos de 5, 10 e 15 por cento aos freguezes que effectuam os seus pagamentos com os "bonus". Centenas de pessoas vão diariamente ao Thesouro e ás collectorias offerecel-os ao Estado, para cancellos, serem guardados como lembrança. Para o aprovisionamento das tropas, recebe diariamente o governo enormes rebanhos de bois e cavalloos e comboios de viveres de todo o genero. Até hoje não foi necessario abater uma rez adquirida por compra. Os automoveis particulares foram quasi todos postos ao serviço do exercito, e innumerous cidadãos qualificados trabalham como simples motoristas.

Não houve sacrificio que se não fizesse de boa vontade. O pão de guerra sabe bem aos mais finos paladares, porque é necessario, para o bem de São Paulo, poupar a farinha de trigo. O bende não irrita os nervos dos que se haviam habituado á commodidade do automovel: S. Paulo exige que se não desperdice a gasolina, e é preciso attender ao bem de São Paulo...

1+

sem |

17

O desinteresse pelas remunerações é geral. Médicos, pharmaceuticos, dentistas, enfermeiras, trabalham sem pensar em vencimentos. Os voluntarios não querem soldo.

Todos collaboram: o commando das tropas solicitou do povo 600 biculos para a campanha. A 28 de Agosto já havia recebido 616. A 3 de Agosto, foi iniciada uma subscripção destinada ao fornecimento de capacetes de aço para os soldados.

No dia 30, a importancia arrecadada ascendia a... 1.362:188\$400, correspondente a 90.812 capacetes. Outra subscripção, destinada a acudir as familias dos combatentes, reuniu, em tres dias, 900:000\$000. A 21 de Agosto, publicava-se a estatistica das costuras realisadas em officinas e casas particulares, sem a menor remuneração. Senhoras e senhoritas, em numero de 6.848, dedicavam-se a esse trabalho. As peças entregues já orçavam nesse dia, por 440.185. Quasi todos os voluntarios do interior (e o interior havia fornecido até o dia 27 de Agosto 31.451 voluntarios) vieram fardados e vestidos á custa das respectivas populações.

O policiamento das cidades é feito pelos mais qualificados cidadãos, á paisana, quasi todos desarmados. E a ordem é perfeita. Os crimes violentos diminuíram. Não se registam assaltos á propriedade.

A Campanha do Ouro tem sido um assombro. Iniciada a 12 de Agosto, já colhêra donativos, só na capital de 26.051 pessoas, segundo a estatistica do dia 30. Em Campinas, registavam-se 12.805 donativos. Em Santos, elevavam-se elles a 4.846. Na Franca, em uma semana, apuraram-se 70:000\$000. Nas outras cidades, é tambem enorme a affluencia de doadores. Nenhuma joia é poupada. As mais caras reliquias de familia são postas á disposição de São Paulo, ou resgatadas por preços superiores ao seu valor intrinseco. As allianças de ferro, que substituem as de ouro, são objecto de orgulhosa ostentação e não pesam nos dedos mais elegantes. Os aneis dos bachareis, medicos, engenheiros, pharmaceuticos, dentistas, pro-

no  
les

17

10

1+

ram

ra

1+

fessores, enchem o mealheiro dos bancos. Os profissionaes que não dispõem da joia symbolica, remetem o respectivo valor em dinheiro. Devem todos receber tambem o seu anel de ferro, com um simples escudo, contendo o enblema do respectivo grau...

A mobilização industrial foi outra surpresa para os proprios habitantes de São Paulo. Todas as fabricas trabalham para a guerra. Patrões, technicos e operarios só pensam na victoria. E as classes proletarias, surdas á voz dos representantes da dictadura, que desassizadamente os incitam á desordem, formam o grande exercito da retaguarda.

Não! O movimento não é obra de politicos. Nenhum partido teria força para assim levantar, de subito, uma população unanime. Nenhum chefe de facção seria capaz de attrahir e congregar, sob as suas ordens, todas as forças espirituaes e intellectuaes e todos os elementos de producção e de circulação das riquezas de canalizar tamanhas energias e provocar tão grandes gestos de abnegação.

Os chefes politicos deveriam sentir-se orgulhosos, se razão tivesse a dictadura... Mas a verdade é outra. Os politicos é que foram arrastados pelo povo. Se não o acompanhassem, seriam submergidos, como submergidos serão todos os que tentarem levantar diques á torrente que brotou a 9 de Julho e dia a dia se avoluma nas trincheiras.

Senhores! Quando Jehovah deliberou tirar do Egypto o povo hebreu, Moysés, embora criado no quente regaço de uma princeza e habituado á sumptuosidade dos paços reaes, foi, como agora os rapazes elegantes de S. Paulo, o primeiro a cingir os rins e a pôr-se em marcha. Entre o Egypto e a Terra da Promissão, entre a servidão e a liberdade, havia as ondas do Mar Vermelho e a esterilidade do Deserto, a traição e as conjuras, o derrotismo dos pusilanimos e o desfallecimento dos homens de pouca fé. O mar, porém, se abriu para dar passagem aos filhos de Israel. Do céu cahiu o maná que alimentou o povo no deserto. Os

10

17

1+

17 17

rochedos jorraram agua, para o dessedentar. A terra fendeu-se, para enquir os tridores. E Josué, que jamais perdera a confiança na victoria, viu cahirem as muralhas de Jericó, ao clangor dos seus clarins. A historia se repete. Sobre o exercito da lei, povo em marcha para um ideal, paira evidentemente a bençã de Deus. Em si proprio encontrou os recursos de que necessitava. Se soffreu a infamia da traição externa e interna, não perdeu nem perderá a fé. E por isso vencerá, ainda que a victoria exija, como ao povo eleito, o sacrificio de uma geração. Se a sorte das armas nos for adversa, teremos perdido uma batalha. Mas uma batalha não é a guerra. Esta, havemos de ganhar, porque o S. Paulo dos bandeirantes resuscitou, e nunca mais será crucificado."

lai

01  
21  
+1

21  
il

no  
/ab

/3

1/

+1

/am

1ra

1+

M. 1111